

# Entrevista à lighting designer Ana Cristina Daré

“...A ideia da minha investigação foi precisamente alertar para a necessidade de trabalhar a iluminação a nível residencial, onde ainda há muito por fazer.”



**A**na Cristina Daré tem-se dedicado à investigação da iluminação a nível residencial, especialmente focada na geração idosa e com menor acuidade visual. Falámos um pouco acerca do seu percurso profissional e da sua visão sobre o mundo da Iluminação.

## Como surgiu o interesse pela iluminação e qual a importância desta nos seus projetos?

Na minha formação base em Design de Ambientes, a iluminação fazia parte da grade curricular. Mais tarde, iniciei o curso de Arquitetura, por sentir necessidade de maior aprofundamento da minha formação académica e por não ter conhecimento de Mestrado e Doutoramento em Design.

Nos meus primeiros anos como profissional, após a faculdade, não trabalhei diretamente nesta área. Mas a partir da década de 90, quando passo a ter o meu atelier, aí sim, a Iluminação começa a fazer parte do meu trabalho, pois não consigo conceber um ambiente sem ter iluminação. Se não se fizer um estudo da luz natural e a luz artificial num projeto, perde-se o sentido do espaço, pois não conseguimos criar ambiências. O meu trabalho não é só a nível de interiores, de pensar os espaços, a circulação, mobiliário, mas sim de criar ambiências, onde a iluminação tem um papel primordial. Tornar estes ambientes confortáveis, e isso não pode ser só a nível do mobiliário, deve ser também a nível ergonómico, e a iluminação também faz parte da Ergonomia. Não se pode separar uma coisa da outra, estão intrínsecas.

Ao fazer a investigação do meu mestrado, um dos temas que decidi aprofundar foi justamente a Iluminação. E esse aprofundar deu-se depois no âmbito do Doutoramento. Já vinha com uma base para esta investigação, a minha sensibilidade para este tema já era muito grande, o planeamento dos espaços já me é natural e a iluminação já lá

está. Não há como separar uma coisa da outra. Portanto, foi na faculdade que desperta este interesse. Mas tinha um outro fator a meu favor: O meu pai era engenheiro civil. E na época em que ele se formou o curso era composto por Engenharia Civil e Engenharia Eletrotécnica. Então tive também o meu pai a me sensibilizar para este tema ao longo da minha infância e vida escolar.

## Lançou um artigo acerca da influência da iluminação no dia-a-dia dos idosos, e a sua tese de doutoramento teve como base esta temática. Como encara este impacto da luz em pessoas com visão envelhecida?

Esta é uma vertente preocupante, pois desde o momento em que as pessoas não se preocupam com a saúde vão aparecer outras questões. As pessoas esquecem-se que os problemas de visão que temos não é a curto prazo, mas a longo prazo. Vamos ter um problema no futuro. E aqui entra o meu estudo. O que vou investigar parte do meu núcleo familiar. As pessoas na minha família chegam facilmente aos 90, 100 anos. Então eu fui vendo dentro de casa, o meu pai tinha um problema ocular genético que fez com que perdesse parte da visão.

O que verifiquei nesta investigação é que a maioria das pessoas idosas quer ficar em casa, não querem ir para lares, é impensável. E isto chamou-me a atenção e levou-me a querer pensar a iluminação residencial para que estas pessoas possam permanecer nas suas casas. Qual a iluminação na casa de banho, no quarto? Que iluminação noturna utilizar para possibilitar a deslocação? Aqui começou o meu interesse por investigar a iluminação para idosos. Até nas próprias instituições dedicadas para este público não há esta preocupação e descobri apenas uma com a iluminação ideal, trazida dos E.U.A. Num dos casos que investiguei havia, por exemplo, a

preocupação com o encandeamento tendo sido utilizadas sancas com iluminação invertida que varrem as paredes. Foi a designer de interiores que ao deparar-se com esta situação conseguiu junto do arquiteto responsável colocar vários pontos de tomada para que os clientes pudessem colocar candeeiros para colmatar a falta de iluminação pontual e funcional, que praticamente não existia. Na casa de banho a iluminação foi conseguida com lâmpadas dicroicas e não houve a preocupação, por exemplo, de fazer a diferenciação entre paredes e piso.

Numa outra instituição, já as paredes estavam pintadas numa cor clara e havia um cor-de-rosa no chão fazendo uma marcação do plano horizontal e vertical, no entanto utilizam downlights com lâmpadas fluorescentes compactas, de uso hospitalar.

Ao deparar-me com estas situações e com a quantidade de idosos que preferia ficar na sua casa, percebi que deveria haver um estudo acerca deste tema. Fui buscar todo o conhecimento que tinha e perceber os problemas de visão que estes idosos tinham e transpor estes conhecimentos para as suas casas, para que pudessem ter uma boa iluminação no seu dia-a-dia, para que pudessem continuar a cozinhar, a fazer as suas refeições, a deslocar-se com segurança dentro de casa.

A Mariana Figueiró tem desenvolvido um estudo há bastante tempo, com algumas brochuras já publicadas, em que analisa o efeito da luz na saúde. Por exemplo, no caso dos idosos quase sempre tem que tomar remédio para dormir à noite, mas nenhum médico estudou porque eles fazem isso. Os idosos vão dormitando ao longo do dia e depois à noite não têm sono. O estudo da Mariana verifica que para o idoso, e para todos nós também, durante o dia utilizar

uma temperatura de cor mais alta, com mais luz e mais alerta, ao final do dia uma temperatura de cor mais baixa, mais amarelada, mais similar ao crepúsculo e entrar em estado de relaxamento e de sono. Pensar que mudando a temperatura de cor ou a quantidade de luz fazemos com que as pessoas de idades estejam mais alertas é muito interessante. Ainda não se tinha pensado nisto. E depois do meu doutoramento fiquei mais sensibilizada para estas questões.

O que encontrei com este estudo foi a atividade que os idosos têm e a preocupação em tornar a execução destas atividades mais fácil e segura através da iluminação. Encontrei idosos com alguma consciência para problemas de iluminação, alguns que pediam iluminação nos armários de cozinha, ou iluminação dedicada para fazer tricôt.

A ideia da minha investigação foi precisamente alertar para a necessidade de trabalhar a iluminação a nível residencial, onde ainda há muito por fazer, e que não são apenas as aplicações comerciais ou empresariais que são importantes. Conscienciar os próprios profissionais da área para terem estas questões em consideração.

### Com uma experiência de mais de 30 anos enquanto designer, como encara o novo paradigma da iluminação?

Penso que há tecnologias que ainda não estão acessíveis a todos e muitas vezes deve-se à falta de conhecimento acerca da utilização das mesmas. Relativamente ao LED eu acho que é uma tecnologia que ainda está numa fase evolutiva, e

na minha opinião a utilização do LED está a ser banalizada, como se o LED fosse solução para todos os problemas, solução económica, solução sustentável, etc. Porém, eu acho que deve ser realizado um "mix" de lâmpadas, de tecnologias, para chegar a um bom resultado a nível projetual. Penso que as pessoas estão a conscienciar-se que a iluminação é importante, mas devem ser feitos estudos luminotécnicos corretos e não utilizar apenas LED. Tudo tem que ter peso e medida.

### Quais são os maiores desafios no que respeita à iluminação nos seus projetos?

O primeiro desafio é o cliente, pois já vem com uma ideia pré-concebida, muitas vezes economicistas, pois a poupança é geralmente a maior preocupação. A juntar a isto muitas vezes a má informação e falta de conhecimento do cliente e de quais são as suas reais necessidades. Se conseguirmos conscienciar o cliente de que estamos a fazer o melhor para ele, já conseguimos vencer um desafio. Mas se houver resistência por parte do cliente, podemos desenvolver o melhor projeto possível, mas este não vai ser valorizado. E com a internet esta má informação ganha proporções ainda maiores. Existe muita informação que não é fidedigna que qualquer pessoa coloca na internet e que é acessível a todos, sem supervisão. O que torna ainda maior o nosso desafio e ajuda na criação de ideias pré-concebidas.

O segundo desafio é fazer um link entre as necessidades do cliente e o seu orçamento. Demonstrar ao cliente que o projeto foi realizado

para ir de encontro ao que pretende cumprindo as exigências técnicas específicas de cada espaço. Há muitas vezes uma barreira económica colocada pelo cliente. Temos que desenvolver o projeto na ótica do cliente, especialmente na área residencial, na qual eu trabalho bastante. Por vezes temos que fazer algumas adaptações, com alternativas similares, mas que respeitam as exigências do projeto luminotécnico. Tem que haver um equilíbrio entre o que queremos e o que o cliente pode economicamente suportar.

### E para fazer esse link que menciona, até que ponto é que o trabalho dos lighting designers e dos designers de ambientes influencia os fabricantes de iluminação, e vice-versa?

Acho que influencia muito os fabricantes, mas como é lógico, para os fabricantes que estiverem dispostos a escutar. Nós como projetistas, em contacto direto com o cliente, conseguimos dizer o que o cliente procura. Deveria existir uma ligação mais próxima entre ambas as partes. Devia haver uma comunicação constante.

A maioria dos fabricantes funciona por catálogos e os clientes gostam de ver, tocar, para depois decidir. Nós, profissionais, conseguimos ter uma ideia espacial do que queremos para aquele ambiente, mas o cliente não tem esta perceção. Muitas vezes deparamos-nos com situações de resistência do cliente em relação a uma especificação de determinados equipamentos, por desconhecimento e por opinião de outros profissionais, que muitas vezes têm desconhecimento do assunto.

